

ENTREVISTA | JOÃO MOREIRA SALLES

DOCUMENTARISTA

‘A realidade pela qual eu sou responsável é a que vem da ilha de edição’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Anna Luiza Miller/Divulgação

Há um entrave político retardando a estreia do trabalho mais recente (e, em certa medida, o mais surpreendente) do carioca (e botafoguense doente) João Moreira Salles fora de seu ofício na redação da revista “Piauí”: o longa-metragem “Minha Terra Estrangeira”. Nesta conversa com o Correio da Manhã, durante o festival Bonito Cine Sur, no Mato Grosso do Sul, o cineasta dá mais detalhes da situação. O caso é simples: estamos em ano eleitoral e o filme revisita as disputas políticas de 2022.

Assim sendo, só pode entrar em circuito depois do segundo turno (se houver) acabar. Esse mergulho em nosso passado recente envolve as lutas das populações indígenas sobretudo em relação a pejeas fundiárias. Não por acaso, parte desse contingente populacional entrou no projeto como coautor, assinando a direção com o realizador de cults como “No Intenso Agora” (sensação da Berlinale de 2017).

Produzido pela VideoFilmes, “Minha Terra Estrangeira” acompanha pai — Almir Suruí, líder indígena candidato a deputado federal por Rondônia — e filha — Txai Suruí, jovem ativista ambiental e hoje advogada — durante os 40 dias que antecederam a votação responsável por tirar Jair Bolsonaro do Palácio do Planalto, há cerca de quatro anos. Para a realização do filme, o coletivo Lakapoy — formado por cineastas indígenas Paiter Suruí e não indígenas — se uniu à cineasta Louise Botkay para registrar o cotidiano de Almir Suruí, enquanto o diretor João filmou Txai Suruí. O resultado é o encontro de duas perspectivas e seus contrastes, tocando em temas como quem representa, e, crucialmente, qual noção de tempo a cronologia da narrativa... e a da História... deve respeitar — a do indígena ou a do branco?

O lançamento do longa vai rolar, tão logo as eleições de 2026 terminem. Mas “Minha Terra Estrangeira” segue vivo, mesmo sem circuito. Antes de passar pelo Bonito CineSur, o feérico documentário, que estreou no É Tudo Verdade de 2025, participou também do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, em Goiás; do Santiago Festival Internacional de Cine, no Chile; do Festival do Rio; do International Documentary Film Festival Amsterdam; do Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte; do Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano de La Habana, em Cuba; do Big Sky Documentary Film Festival, nos EUA; do Hot Docs – Festival Internacional de Documentários, no Canadá; da Mostra Ecofalante de Cinema, em São Paulo; e integrou ainda as mostras COP 30 – Mostra Amazônia, em Belém, e BFI – Brazil on Film, no Reino Unido. É aplaudido com ardor por onde passa.

Há muito para Txai e Almir falarem, mas o longa sabe administrar quietudes também: “O silêncio por vezes diz que você está num mundo que não é o seu”, disse João numa masterclass em Bonito. O diretor do aclamado “Santiago” (2007) segue nesse leito o bate-papo a seguir.



Existe uma natureza que pode ser classificada como “investigativa” nesse seu trabalho mais recente como cineasta, e ela é um tanto distinto de seus dispositivos narrativos anteriores. O que há de novo na metodologia de “Minha Terra Estrangeira” e o que esse longa-metragem mudou no seu modo (habitual) de fazer documentários?

João Moreira Salles - Esse filme começou de uma maneira muito convencional, quase repetitiva, pois partiu de uma ideia similar àquela que eu usei em “Entreatos”, de 2004. Eu ia fazer com a Txai Suruí o que fiz naquele documentário sobre o Lula: ia acompanhá-la durante 40 dias, ao longo de sua campanha, assim como fiz com ele. Mas a coisa foi complicando, porque percebi que não dava mais para fazer o mesmo filme do mesmo modo. Em 2022, toda a discussão sobre repre-

sentação e todas as assimetrias culturais tornaram isso impossível. São discussões importantes, embora às vezes acabem produzindo uma interdição: a ideia de que eu só posso fazer filmes sobre mim mesmo ou sobre pessoas com quem compartilho o mesmo solo cultural. Isso seria terrível. Não existiria Eduardo Coutinho com essas interdições. O Coutinho dizia: “Eu só faço filmes sobre quem eu não sou”. Ele queria filmar mulheres porque nunca engravidou, nunca pariu; queria